

AS EXPERIÊNCIAS QUE “NOS PASSAM” NA EDUCAÇÃO INFANTIL

THE EXPERIENCES THAT "TEACH US" IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Claudete Teresinha Junges¹

Marisane dos Santos²

Submetido em 20-05-2019

Aprovado em 02-07-2019

Revista Saberes e Sabores Educacionais

Revista do Curso de Pedagogia

Uceff – Campus Itapiranga

Vol. 6, 2019

ISSN 2359-263x

¹ Orientadora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Anchieta-SC, Doutoranda em Educação nas Ciências pela UNIJUI. Membro do grupo de estudos: Práxis – Sociedade, Educação e Docência. Email: claudetejunges@yahoo.com.br.

² Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Anchieta-SC, Mestranda em Ciências da Educação – UNISAL. Email: marisanedossantos219@gmail.com.

Resumo

Este artigo tem como objetivo relatar uma experiência, relacionada à compreensão teórica do conceito de experiência largamente utilizado na Educação infantil. Metodologicamente se constitui em um relato de experiência, que analisa um trabalho realizado com crianças de 4 e 5 anos na Educação Infantil. Tematizou-se também durante a pesquisa o panorama da Educação Infantil e o conceito de experiência a partir de Walter Benjamin. Como resultados desta pesquisa destacamos: a experiência como algo significativo e que nos passa; a pobreza das experiências significativas vividas pelas crianças no tempo presente e, a importância da escola em proporcionar possibilidades de experiências significativas que envolvam a vida das crianças.

Palavras-chave: Experiência. Desenvolvimento. Direito. Infância

Abstract

This paper aims report an experiment, related to understanding theoretical of the experience concept widely used in early childhood education. Methodologically part of an experience study, which analyzes a work done with children aged 4 and 5 years in early childhood education. It was also discussed during the research the panorama of early childhood education and the experience concept from Walter Benjamin. As the results of this research we highlight: the experience as something meaningful and that teach us; the poverty of the significant experiences lived by children in the present time and, the importance of the school in providing opportunities for meaningful experiences that involve children's lives.

Keywords: Experience. Development. Right. Childhood.

Introdução

O profundo desejo de empreender um trabalho cada vez mais qualificado na educação infantil, entendendo qualidade como a possibilidade de auxiliar, com os processos de ensino, no desenvolvimento integral das crianças, motivou este relato de experiência. A pesquisa realiza um enredo entre o direito às experiências variadas e qualificadas na educação infantil; a teorização do conceito de experiência a partir de Walter Benjamin e a análise de uma experiência significativa acontecendo em uma turma de Educação infantil da Rede Municipal de Ensino de Anchieta-SC.

Ao iniciar o trabalho de reflexão a partir da própria prática, o objetivo colocado foi o de compreender o conceito de experiência a partir da teoria de Walter Benjamin e, relacionar com o trabalho realizado com crianças de quatro a cinco anos em uma turma de Pré I³ da Educação Infantil. As grandes questões colocadas como chave da pesquisa se constituíram em: como garantir o direito à experiência para crianças de quatro a cinco anos na educação infantil? Como Walter Benjamin teoriza a experiência na infância? O que caracteriza uma experiência significativa para crianças de 04 e 05 anos de idade? Com estas chaves de pesquisa iniciamos a trajetória. Desejávamos ir além do conceito de experiência utilizado sem muita reflexão.

A metodologia utilizada, para delinear e auxiliar no desenvolvimento da trajetória a ser empreendida foi a teórico-prática, partindo de uma experiência que marca a vida das crianças, uma experiência que passa, transforma ações, condutas e promove conhecimento.

No desenvolvimento da experiência relatada, fomos além da preparação para o futuro em uma sociedade estratificada socialmente, buscamos, como diz Massieu (2017) sobre a obra de Benjamin, olhar para trás para compreender as possibilidades abandonadas

³ Conforme a Lei Complementar 057/2016 que estabelece diretrizes sobre o Sistema Municipal de Ensino de Anchieta-SC, “**Art. 37.** A Educação infantil será oferecida em Creches ou entidades equivalentes, para crianças de até 4 (quatro) anos, e em Pré-Escola para crianças de 4 (quatro) a 6 (seis) anos de idade, constituindo direito da criança e dos seus pais e dever da família e do Estado.

Parágrafo único. A Educação Infantil compreende dois níveis, e estes, em grupos de crianças assim definidos:

I - Nível I - Creche: a) Creche I - Crianças de 4 (quatro) meses a 1 (um) ano de idade; b) Creche II - Crianças de 1 (um) a 2 (dois) anos de idade; c) Maternal I - Crianças de 2 (dois) a 3 (três) anos de idade; d) Maternal II - Crianças de 3 (três) a 4 (quatro) anos de idade. II - Nível II - Pré-Escola: a) Pré-Escola I - Crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade; b) Pré-Escola II - Crianças de 5 (cinco) a 6 (seis) anos de idade.”

nas encruzilhadas da história, entender com que plenitude as vidas poderiam ter se desenvolvido se fossem outros os caminhos escolhidos. A filiação às perspectivas críticas de educação se faz, porque projetamos um futuro de esperança de uma sociedade mais justa e humana, a partir de uma infância vivida plenamente, com acesso aos construtos culturais.

O trabalho de pesquisa, ora apresentado por meio deste artigo, passa por momentos distintos e relacionados. O primeiro deles trata de um rápido panorama da educação infantil e dentro dele a Base Nacional Comum Curricular e o documento curricular da Educação infantil municipal de Anchieta-SC. O segundo momento, traz presente o conceito de experiência trabalhado por Walter Benjamin. Em seguida há uma descrição de um trabalho realizado na turma de Educação Infantil, Pré I conjugado a reflexões sobre as experiências possibilitadas pelo trabalho.

Panorama da Educação Infantil

Para situarmos a pesquisa, é fundamental entendermos um pouco mais sobre a primeira etapa da Educação Básica, A Educação Infantil, onde reside nosso trabalho.

A educação Básica e obrigatória para todos, no Brasil, está organizada em três níveis: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A Educação infantil passou a vigorar como primeira etapa da educação Básica com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Lei 9394, aprovada e sancionada no ano de 1996.

A educação Infantil assegura educação gratuita a crianças de 0 aos 5 anos, é obrigatória para crianças a partir dos 4 anos de idade. No espaço da Educação Infantil as crianças vão ampliar o mundo social, que, inicialmente, restringe-se ao círculo familiar. É difundida, por toda a sociedade, a compreensão da importância do desenvolvimento integral na primeira infância, período basilar do desenvolvimento humano.

A Educação Infantil, como primeira etapa da Educação Básica, tem - a partir da Lei 9394/96 - um caráter educativo próprio, não se constitui em um período preparatório para os seguintes e nem meramente assistencial, como foi por muito tempo. Hoje, a Educação Infantil, para o desenvolvimento das atividades de ensino, segue as diretrizes da Base Nacional Comum curricular. A BNCC que está em vigor atualmente foi aprovada em 2017 e na etapa da educação infantil está organizada em cinco campos de experiências, sendo

eles: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

No município de Anchieta-SC, a Educação Infantil é regida pela Lei Complementar 057/2016, que dispõe sobre o Sistema Municipal de Ensino. Outra lei importante para a educação infantil é o Plano Nacional de Educação e o Plano Municipal de Educação⁴, eles contêm metas e estratégias importantes para garantir o direito à educação infantil para todas as crianças.

No caso da Meta 1 do Plano Municipal de Educação, que trata da universalização da educação infantil para crianças de 04 e 05 anos, o município de Anchieta-SC, atende hoje 94,2%⁵ das crianças. Pelos dados decorrentes da análise do PAR, o atendimento das crianças de 04 e 05 anos está aquém dos 100%, objetivo que já deveria ter sido alcançado. Entende-se, pelo conhecimento das famílias residentes em nosso município, que os 5,8% de crianças que não estão na escola, retratam a realidade de crianças de famílias em mudança de domicílio no momento da pesquisa e/ou, o número de crianças que foram calculadas pelo PNAD não coincide com a realidade.

Percebe-se a importância do desenvolvimento das crianças desde o seu nascimento, nesta fase inicial da vida elas precisam, na família e na educação infantil, serem estimuladas por meio das interações e vínculos, tendo acesso a diferentes oportunidades de experiências dentro do espaço escolar e convívio social. Este estudo busca contribuir com uma reflexão sobre o direito às experiências na infância, em uma sociedade que está evoluindo cada vez mais, principalmente no que tange ao acesso às informações e alijando a infância de experienciar materiais naturais e artificiais, brincadeiras antigas e novas, vivências individuais e grupais, sons, coreografias, variações da vivência cultural da humanidade. Parece que a “música” é de uma nota só, ou que as experiências estão cada vez mais restritas.

⁴ Lei 2175/2015 – Institui o Plano Municipal de Educação.

⁵ Dado do ano de 2015 proveniente do PAR – Plano de Ações Articuladas contido no observatório das metas do Plano Nacional de Educação e que levou em consideração o PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

A Base Nacional Comum Curricular, no que tange à educação infantil, que está organizada em cinco campos de experiências, os quais asseguram que todas as crianças do Brasil tenham o acesso e o direito de aprendizagem a partir das mesmas prerrogativas, mesmo com as grandes diferenças regionais do país. Cada município do país, tem a autonomia de adequar os seus documentos curriculares, a partir da BNCC com a realidade local. Cada município ou unidade escolar deve respeitar a BNCC e valorizar suas próprias características culturais, garantindo que a criança tenha possibilidade de se desenvolver dentro dos cinco campos de experiências.

O documento que regulamenta o currículo da Educação Infantil do município de Anchieta-SC, foi construído no ano de 2017, levando em consideração a Base Nacional Comum Curricular e a realidade sociocultural local. Tendo seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que fundamentam os demais direitos: Conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Observe como o documento refere-se ao trabalho nas aulas em turmas de educação infantil:

Estes seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que devem ser trabalhados na escola infantil reiteram a necessidade de que as práticas pedagógicas possuam uma intencionalidade, o espontaneísmo não cabe em nenhuma fase da infância na escola. Há necessidade de vivências ricamente estruturadas de aprendizagem em todos os momentos que a criança está na escola [...] (MUNICÍPIO DE ANCHIETA, 2017)

O documento é bem claro ao falar da necessidade de o profissional que trabalha com a educação infantil proporcionar experiências significativas, para que as crianças tenham garantido o direito a se desenvolverem plenamente. É de suma importância, que a criança esteja inserida em ambientes escolares com adultos e com crianças de sua idade, com a promoção de atividades, cantigas, parlendas, histórias com vistas à ampliação do vocabulário, expressões da cultura, brincadeiras que favoreçam o seu crescimento integral e estimulam essa fase com grande evolução do desenvolvimento.

É importante, no desenvolvimento do trabalho na educação infantil, ter profundo conhecimento das crianças com as quais atuamos, para respeitar as diferentes fases de desenvolvimento e a individualidade de cada um dentro desta fase, para favorecer o maior

desenvolvimento possível, conforme proposto por Vigotski (2009): “ensinar uma criança o que ela não é capaz de aprender é tão estéril quanto ensiná-la a fazer o que ela já faz sozinha” (p.337).

Como educadores, devemos atuar com respeito à criança, o momento do desenvolvimento que vive, porém, com atenção às potencialidades. Na complexidade do desenvolvimento humano e a particularidade de cada um, oportunizar e oferecer experiências, atividades, estímulos de diferentes formas, para as crianças se apropriarem de novas experiências e que estas façam sentindo no decorrer de toda a sua vida escolar e familiar.

Proporcionar momentos de experienciar a vida, das mais variadas formas para as crianças, não é só responsabilidade da escola, a família também tem um compromisso e uma responsabilidade muito grande a esse respeito. Para que a família tenha consciência da importância da sua atuação junto a criança como propulsora de desenvolvimento, a escola deve de alguma forma demonstrar isso às famílias.

Na escola em que realizamos a pesquisa, durante a assembleia de início de ano, foi trabalhado sobre o direito às experiências com as famílias, a partir de falas das professoras e de um vídeo: *Caminhando com tim tim* (GERHARDT, 2015), em que foi chamada a atenção para a importância de vivenciar com as crianças e explorar os ambientes em que vivemos.

Atualmente estamos cada vez mais ligados e dependentes das novas tecnologias, sendo que, para algumas crianças, interagir com objetos tecnológicos constitui a maior parte das experiências realizadas. Muitas famílias oferecem o celular ou outra mídia para a criança assistir ou interagir, percebe-se nas narrativas, nos modos de brincar com os colegas. Pergunta-se, que oportunidades têm as crianças de vivenciar outras experiências na sua vida? Como uma criança vai vivenciar um tombo sem nunca ter a oportunidade de subir em uma árvore? O que os infantes de hoje vão narrar de suas infâncias na vida adulta? Considera-se de fundamental importância, para o pleno desenvolvimento da criança, que a família deve participar da sua infância, estabelecer e proporcionar momentos de experiências, de descobertas, explorar seus espaços juntos, assumindo seu papel e pondo em prática o direito a uma vida integral para seus filhos.

A sociedade do consumo, fruto da orientação capitalista, facilita que os familiares tenham mais possibilidades de oferecer brinquedos industrializados, ao invés de oferecer momentos de atividades junto ao seu filho. A correria em busca de maximizar o tempo no afã da sobrevivência, no dia-a-dia das famílias, deixa pouco tempo para as relações e vínculos familiares. Conversando com as crianças, que são alunos da turma do Pré I, ouvimos relatos de crianças que reclamam porque seus pais não brincam e só ficam no celular. O bom comportamento dos filhos, segundo as crianças, é muitas vezes compensado por horas de uso de celular ao chegar em casa.

A criança não é mera reprodutora do conhecimento existente, ela aprende através das múltiplas formas de experiências pelas quais passa e que a transformam, pelos significados que vão sendo construídos e relacionados a sua vida. Enquanto age, a criança convive com o que foi produzido culturalmente e produz cultura. Através das experiências, a criança produz novos conhecimentos.

Buscamos em Walter Benjamin, um conceito de experiência, este pensador do século XX, que na sua trajetória de crítico cultural e filósofo se opôs a uma educação utilitarista para as crianças, defendeu a ideia, segundo Bolle (2002) de que as crianças tivessem garantido o direito à plenitude da infância.

Revisão de Literatura

Refletir sobre a experiência é importante, porque esta palavra se tornou corriqueira na nossa linguagem e, por ser corriqueira acaba sendo simplificada sua importância e seu sentido.

Para o trabalho com as crianças falamos muito sobre as experiências e enchem nossos programas de ensino a pretensão da experiência, assim como o próprio documento da Base Nacional Comum Curricular na educação infantil está organizado em campos de experiência.

Conceito de experiência para Walter Benjamin

A compreensão do conceito passa por estudarmos ele, e assim o fizemos em Walter Benjamin, que enquanto pensador da infância, em sua trajetória de vida, preocupou-se com a experiência na infância.

Segundo Benjamin (2002), nós possuímos a capacidade, através das múltiplas sensações que recebemos do ambiente externo, por meio dos estímulos que nos são oferecidos, de conhecer o verdadeiro sentido da experiência. Mas, para esse conteúdo ter nos sensibilizado, atingido, tocado, ele deve ter primeiro nos afetado na maneira de como entramos em contato, como ele nos foi apresentado ou da forma como a nós foi proporcionado.

O autor acrescenta que, o conhecimento só é alcançado se a experiência foi significativa, de forma a sensibilizar e afetar o mundo interior da criança, atingindo assim a construção de novos saberes. A relação das crianças com o que vivem, ouvem ou falam é diferente do que o adulto. Assim: “O adulto, ao narrar uma experiência, alivia o coração dos horrores, goza duplamente uma felicidade. A criança volta a criar para si todo o fato vivido, começa mais uma vez do início” (BENJAMIN, 2002, p.101).

É recorrente o desejo das crianças de ouvirem mais uma vez uma história significativa, ou brincar de novo de uma brincadeira que faz sentido. Nota-se que, com tantas mudanças ocorridas, a larga aceleração do tempo e do mundo informatizado, as crianças vêm perdendo a possibilidade de experimentar uma brincadeira, ou ouvir mais uma vez aquela narrativa da história que aconteceu com a bisavó, nos tempos em que cada um tinha que confeccionar seus brinquedos.

De acordo com Benjamin (2002), “A essência do brincar não é um ‘fazer como se’, mas um ‘fazer sempre de novo’, transformação da experiência mais comovente em hábito.” (p.102) Em suas brincadeiras livres as crianças imitam a vida das pessoas com quem convivem, o que, conforme analisa Benjamin, não se constitui em mera imitação, mas uma vivência da vida das crianças.

A palavra experiência, ainda hoje é muito utilizada como sinônimo de algo adquirido por pessoas que já viveram longo tempo. A crítica de Benjamin reside no fato de

que este conceito corriqueiro deixa de considerar o espírito da juventude, o qual possui toda a energia necessária para realizar a transformação do mundo ao seu redor.

Para ele, as pessoas adultas se vangloriam de suas experiências, pensam que, apenas narrando seus vividos vão servir de experiências aos que ouvem. Estas experiências vividas pelo outro acabam sem sentido, pois são apenas vivências particulares, individualizadas e não associadas a outras pessoas ou grupos. Essas vivências têm um sentido individual e, ao serem repetidas, perdem a sua função na história e acabam sem significado na sociedade atualmente.

Benjamin faz uma crítica à sociedade adulta, que acaba deixando no seu cotidiano um grande vazio, devido ao empobrecimento de experiências. Percebe-se a importância dada pelo autor à experiência, não aquela produzida pelos mais velhos, mas aquela proporcionada aos mais jovens, aquela que deve ser impulsionada, instigada a vivenciar, presenciar, explorar a descobrir por todos desde cedo, desde crianças.

Nossas crianças podem ter experiências significativas para suas vidas se a elas forem ofertadas e oportunizadas essas vivências, a qualidade é um fator determinante que se sobressai sobre a quantidade de experiências adquiridas com o passar dos anos. Boas experiências contribuem para a constituição da sensibilidade. O erro é considerado parte do processo de construção da aprendizagem do novo. As crianças devem ser incentivadas a experimentar o novo. A verdade sobre as coisas não está pré-estabelecida pelos adultos, mas deve residir na possibilidade de experimentação pelas crianças.

Madeira, ossos, tecidos, argila, representam nesse microcosmo os materiais mais importantes, e todos eles já eram utilizados em tempos patriarcais, quando o brinquedo era ainda a peça do processo de produção que ligava pais e filhos (BENJAMIN, 2002, p.92).

E o autor continua, “pois cada uma de nossas experiências possui efetivamente conteúdo” (BENJAMIN, 2002, p.23).

A preocupação está na percepção do real empobrecimento de experiências na vida das crianças. Em uma sociedade, que valoriza propostas pedagógicas que têm o objetivo de preparar para o mercado de trabalho, o mais rapidamente possível e não para o espírito transformador, solidário e humanista, com vistas para o bem comum.

Diante disso, podemos refletir sobre nossas práticas cotidianas e a necessidade de proporcionar materiais, vivências, brincadeiras, músicas o mais variadas possíveis, uma vez que Benjamin, dentre seus escritos, deixa claro que a linguagem, a experiência e o conhecimento podem se articular e juntos formar grandes subsídios para a produção, reconstrução e construção de novos saberes.

Retomamos as questões essenciais que caracterizam o conceito de experiência, trabalhado por Walter Benjamin, para em seguida relacionar à experiência vivida pela turma com a *Maricota*. A experiência para Benjamin tem relação com a qualidade do que foi vivido, com a sensibilização e o afeto gerado. Experiência é algo presente na vida de todas as pessoas que passaram por vivências significativas e não somente presente na vida de quem já viveu muito. É essencial ouvir os relatos das experiências vividas pelos outros, mas a significação reside em vivenciar. A experiência toca e se torna significativa pela forma como é apresentada. Brincar é fazer sempre de novo o que nos toca e, assim, a experiência comovente se torna hábito. As experiências vividas com objetos (como a boneca Maricota) do universo das pessoas com quem temos laços de afeto, promovem ligações maiores com o universo social vivido.

Experiência com a boneca “Maricota sem Dona”

A cada semestre, os profissionais da Rede Municipal de Educação de Anchieta-SC, se encontram para realizar formação continuada, aprofundando conhecimentos nas áreas da educação e para definir a temática que vai permear o trabalho pedagógico a ser desenvolvido nas escolas. A preocupação nestes momentos está voltada para o aluno e seu desenvolvimento integral, dentro das competências necessárias à aprendizagem e o panorama da sociedade, a partir do mundo da infância e dos adultos.

No início de fevereiro 2019, os profissionais da rede municipal de Anchieta, se reuniram para o processo de construção da temática, que orientaria o trabalho nas escolas no primeiro semestre letivo de 2019. O tema orientador do trabalho pedagógico, na educação infantil, ficou definido como: “O direito à experiência”. A partir da constatação, nos nossos trabalhos com as crianças, dessa pobreza de experiências como uma realidade do mundo infantil e dos adultos. O objetivo principal do trabalho com as crianças, se

constituiu em vivenciar o contato com as diversas experiências que possibilitem o desenvolvimento infantil integral, de forma prazerosa e significativa.

A experiência, relatada neste artigo, foi planejada a partir do projeto de trabalho pedagógico, levando em consideração a temática do direito à experiência e os campos de experiência: “O eu, o outro e nós” e “Oralidade e escrita”, previstos no documento curricular da Rede Municipal de Educação. O trabalho aconteceu em uma turma Pré I, com 18 alunos sendo 7 meninos e 11 meninas, de uma escola situada no centro da cidade.

A escolha pelo relato da experiência vivida pela turma do Pré I com a *Maricota*, deve-se à riqueza de ações e significados suscitados pela atividade. Foram brincadeiras, cuidados, vivências, que não apenas passaram pela nossa vida, enquanto integrantes da turma, mas que nos passaram, porque nos transformaram em mais humanos pelo conhecimento de conceitos, pelo afeto gerado, pelo envolvimento comum e os significados produzidos no decorrer do processo. Confeccionar uma boneca fora dos estereótipos do mercado, ditados pela propaganda, nos liga ao nosso universo social e cultural.

A atividade parte da história: *Maricota sem dona* (MAZZETTI e CAMPOS, 1985). Se constitui na história de uma boneca bonitinha que foi parar numa loja na vitrine de liquidação, porém ninguém queria comprar ela. Assim ela ficou jogada pela loja, sua caixa amassou, seu vestido sujou, ficou descabelada. Então, ela resolveu sair pelas ruas à procura de um dono. Passou por várias casas e percebeu o descaso e a falta de cuidado com brinquedos, foi quando encontrou um lar onde foi aceita, amada e cuidada.

A professora contou a história caracterizada de Maricota e trouxe alguns elementos característicos do contexto da história, para marcar as partes principais da história. Foi apresentada uma boneca de pano à turma, confeccionada pela professora, que iria visitar cada família dos estudantes e permaneceria com a família por dois dias. O brinquedo passa a ser assim, peça de produção que liga afetivamente a turma de crianças, não se caracteriza em um objeto colocado ali sem ligação com as pessoas, foi produzido pela professora.

A organização das visitas deu-se para cada criança, conforme a ordem alfabética dos nomes dos alunos da turma. A família deveria, conforme orientações dadas às crianças, cuidar, vestir, conviver com a boneca. Os adultos deveriam ler a história da “Maricota sem dona”, que foi para casa junto com a boneca de pano. Também foi para as famílias um texto

informativo para que compreendessem o processo da atividade e a importância de experimentar aquela atividade em conjunto com a criança. E ainda, junto com a boneca um bilhete escrito: “Não tenho dona ou dono, você me quer?” A experiência comovente de ouvir e vivenciar a história da Maricota foi repetida em vários contextos, possibilitando tornar-se hábito (BENJAMIN, 2002).

A família deveria vivenciar toda a estada da boneca em sua casa e relatar como ocorreu a experiência, descrevendo o que considerassem mais significativo do envolvimento da família no processo e o significado da experiência. Os relatos escritos pelas famílias, no retorno da boneca à escola, foram lidos pela professora para toda a turma. As roupas confeccionadas pela família para a boneca, também permaneceram na escola para brincadeiras posteriores a esta experiência. Benjamin nos ensinou que as crianças precisam experimentar, não é suficiente apenas ouvir as vivências dos outros.

O dia em que a Maricota chegou na turma, as meninas estavam muito mais felizes e entusiasmadas do que os meninos, porém quem levou primeiro a Maricota foi um menino. E logo, essa preocupação de que menino não cuida da boneca foi dissipada pela alegria da novidade, da espera por levar a boneca para casa.

As crianças demonstravam, em suas conversas entre colegas, a preocupação do cuidado com a boneca. Os familiares dos alunos relatam, que ficaram muito surpresos com o envolvimento das crianças numa atividade simples. A simplicidade é buscada pelas crianças nos brinquedos e brincadeiras.

Com as experiências vivenciadas pelas crianças e suas famílias com a Maricota, foi realizado um trabalho interdisciplinar, que envolveu a localização espacial, onde as crianças ouviram relatos de visitas da boneca Maricota, que percorreu desde o interior de nosso município até cidades vizinhas da nossa.

A passagem do tempo também foi vivenciada, na contagem ansiosa das crianças, pelas noites que faltavam para a boneca chegar até sua casa. Tudo era controlado e acompanhado pelas crianças no calendário, inclusive, quando o final de semana se aproximava, havia a cobrança dos colegas que iriam ser beneficiados com uma noite a mais na presença da boneca. Cada detalhe foi fundamental na experiência e abriu espaço para um

diálogo e aprofundamento de conceitos essenciais para as crianças avançarem em sua autonomia e na apropriação dos conceitos historicamente construídos.

O conflito com a questão dos estereótipos de gênero apareceu no início do projeto, a crença de que somente meninas brincam com bonecas foi levantada por alguns meninos da turma, porém, após explicar que a boneca seria apenas uma nova amiga que iria visitar, essa questão foi deixada de lado. Desde o início do trabalho, foi dada liberdade aos estudantes pela escolha de levar a Maricota para casa, Maricota foi bem aceita por todas crianças e todas levaram a boneca para casa.

Nos relatos das famílias percebe-se muito a preocupação com a rotina, que até a Maricota teve que se adaptar, como: horário para refeições, banho, passeios e horário do sono. Foi solicitado às crianças, para que quando recebessem a visita da boneca, não apresentassem o celular para ela. Utilizou-se o exemplo da história, de que a boneca já havia ficado muito tempo sozinha e precisava de muita companhia para ficar feliz. Solicitou-se que Maricota fosse colocada para dormir cedo, pois precisava criar esse hábito saudável para seu desenvolvimento, o pedido foi levado muito em consideração, pois em todos relatos, as famílias descrevem que as crianças dormiram com a boneca e comunicaram aos pais das regras de cuidados com ela. Assim, as crianças também passam a entender a necessidade de manterem hábitos saudáveis de vida para o seu desenvolvimento e não como mera obrigação.

Outro fator trabalhado com as visitas da Maricota foram as mudanças climáticas, pois as crianças, assim que a recebiam em suas casas, se preocupavam em vesti-la de acordo com o clima do dia, agasalhavam completamente com meias, roupas e calçados fechados nos dias frios e chuvosos e vestiam com vestidos curtos em dias de calor.

Consideramos preponderante também a diversidade de materiais e formas utilizadas para a confecção das roupas da Maricota. Foram utilizadas roupas da própria criança que haviam sido guardadas. Muitas famílias confeccionaram as roupas com pedaços de tecido, a confecção da roupa em croché também ocorreu. Muitas avós auxiliaram nesta atividade de confecção da roupa para a boneca. Uma mãe diz no relato o seguinte: “[...] durante a confecção das roupinhas da boneca, mãe, filha e avó sentiram-se crianças e resolveram buscar todas as bonecas abandonadas pela criança e confeccionar roupas para todas, essa

atividade tão simples nos fez refletir muito sobre a importância de brincar com os filhos e como isso os deixa felizes”.

Nota-se que a linguagem foi muito contemplada pela atividade. Nos diálogos diários, em que o assunto era a tão esperada Maricota, a leitura da história, a escrita das aventuras da boneca durante a estadia em casa, a leitura do relato das famílias pela professora para a turma. A linguagem proporcionou, além do enriquecimento vocabular, do acesso a diferentes gêneros textuais orais e escritos, a recriação do fato vivido, fator preponderante da experiência na forma como foi salientado por Benjamin.

As experiências vivenciadas pelas crianças com a Maricota, tomaram conta do grupo. Foi de muito sentido o trabalho realizado a partir das experiências. A vivência de experiências diversificadas com a Maricota sensibilizou para o cuidado, para o respeito, foram momentos de carinho e encantamento, da vivência de uma experiência compartilhada por uma turma de alunos, um grande grupo familiar e uma escola que recebia a alegria das crianças, que orgulhosas queriam mostrar como cuidaram da boneca. O desejo e o objetivo de despertar nas crianças o gosto pelo simples, demonstrar para os pais o quanto é importante o envolvimento da família nas atividades das crianças, faz com que todos possam vivenciar experiências significativas, repensando os estilos de vida que estão sendo adotados, como Benjamin (2002) faz referência ao empobrecimento das experiências vividas.

Muitas famílias comentaram sobre a ansiedade das crianças que não compreendiam o processo da espera, porque vivemos cada vez com mais rapidez e menos intensidade e isso reflete na busca das crianças por querer tudo o que desejam naquele instante. A espera pela visita da boneca, que seguia em ordem alfabética, nos faz perceber como devemos trabalhar mais a questão do tempo, no caso da espera e a questão da valorização da produção manual de brinquedos para as crianças. Construir e inventar juntos, faz toda a diferença na vida das crianças. O significativo não é o brinquedo em si, mas o processo conjunto de construção.

Uma necessidade percebida, foi de trabalhar entre escola e familiares, a importância de compartilhar o brinquedo, quando chegava o dia de devolver a boneca nem sempre foi um momento alegre para as crianças. Houve tristeza para algumas crianças, que ainda não

estão conseguindo conviver com regras que favoreçam a coletividade e aprender a dividir seus pertences, nessas situações o diálogo foi fundamental.

A possibilidade de experienciar cuidar da Maricota, pelas crianças e esse processo ter sido valorizado pela família e pela escola, fez com que os pequenos se sentissem parte do processo, coadjuvantes. Entendemos, junto com Walter Benjamin (2002), que a experiência não é somente adquirida por quem já viveu muito, mas sim por quem foi afetado por ela, e suas marcas não são esquecidas com o tempo no seu mundo individualizado.

A riqueza e a qualidade das experiências construídas pelas crianças com a visita da Maricota, foi muito maior que a quantidade. Benjamin ressalta que a qualidade na experiência é mais importante que a quantidade. Para finalizar o projeto, além da construção do livro das aventuras da Maricota, planeja-se enviar para casa o livro dos registros com os relatos e as imagens de cada visita, juntamente com a boneca e uma mala com todas as roupas e acessórios realizados pelas famílias. Outra possibilidade pensada está em reunir uma pessoa da família da criança para a confecção de uma boneca artesanal para cada um.

Conclusão

Com os pressupostos da pesquisa realizada, a legislação e documentos curriculares que regulamentam o trabalho na Educação Infantil, junto com o relato de experiências e a percepção da importância da vivência de experiências que afetam as crianças, promovendo aprendizagem e desenvolvimento. Defendemos que o direito à Educação Infantil seja sagrado. Para tanto, as legislações e documentos curriculares precisam ser objeto de estudo e melhorias, com a participação dos profissionais desta etapa de educação e dos estudiosos da área. As crianças de 4 a 6 anos do Brasil, têm o direito de estar na escola aprendendo, esta etapa da Educação Infantil faz parte da Educação Básica. Esse direito somente deve ser ampliado e aprimorado.

O incurso pelos documentos curriculares, o relato da experiência com a Maricota, enriquecido com as reflexões de Benjamin, demonstra que devemos cada vez mais proporcionar ações qualificadas em parcerias com as famílias, para garantir a vivência de

experiências diversificadas. É direito da criança vivenciar a espera, o imaginário de sentir-se responsável por alguém, a construção de uma veste, a companhia de uma boneca importante para toda a turma, contar aventuras vividas. A escola se torna fundamental, dessa forma, em garantir possibilidades de afetar as crianças por experiências significativas que “passam” a vida das pessoas.

Outro fator preponderante, que ficou presente no desenvolvimento do trabalho com as crianças, e na teoria de Benjamin sobre a experiência, foi a importância e o dever que a escola de Educação Infantil possui em influenciar na aprendizagem e desenvolvimento das crianças, a partir de ações significativas que não apenas passam pela vida, mas que “atravessam” a vida das crianças de uma forma marcante. As ações que a escola proporciona, devem ter uma intencionalidade clara e presente no horizonte: o desejo da aprendizagem, embora as significações produzidas no decorrer do trabalho escapam ao “controle” daquilo que propomos.

Em um momento da história da sociedade, em que o tempo é cada vez mais acelerado e predominantemente pensado para a produção lucrativa, e a produção de brinquedos para as crianças faz parte da lógica capitalista de vender em busca do lucro, “perder-se” no tempo em momentos de confeccionar uma roupa de croché para a Maricota, é participar da educação dos filhos, valorizar o lúdico, a alegria e os retalhos. Como muito bem observou Benjamin, as crianças

sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas (2002, p.104).

E assim, as crianças subvertem a ordem vigente na sociedade e valorizam o que não tem mais valor para a sociedade, um pedaço de madeira e um retalho de tecido, tornam-se possibilidade de criação. E o brinquedo vira peça de produção que liga afetivamente familiares e crianças, professores e alunos.

Consideramos, finalmente, a partir da experiência relatada, que a escola é grande responsável para que a vida não seja meramente vivida, vazia de sentidos e pobre em experiências significativas. No horizonte da educação infantil deve estar presente as mais

variadas possibilidades de experiências, que vão enriquecer a vida das crianças. Experiências como conceituou Benjamin (2002), que sensibilizam, tocam e afetam.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Trad. Marcos Vinicius Mazzari. São Paulo: Ed. 34, 2002.

BOLLE, Willi. Na vasta obra de Walter Benjamin. In BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/96**. Brasília-DF, 1996

BRASIL. **Lei 13.005/2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências**. Brasília-DF, 2014.

GERHARDT, Genifer. **Caminhando com Tim Tim**. Vídeo, 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI>. Acesso em fevereiro de 2019.

MASSIEU, Antonio Crespo. **Walter Benjamin: uma arca de palavras**. Revista Movimento, crítica, teoria e ação. Set. 2017. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2017/09/walter-benjamin-progresso-historia/>. Acesso em junho de 2019.

MAZZETTI, Maria; CAMPOS, Edson. **Maricota sem dona**. São Paulo: Editora ao Livro Técnico, 1985.

MUNICÍPIO DE ANCHIETA. **Lei Complementar 057/2016**. Anchieta-SC, 2016

MUNICÍPIO DE ANCHIETA. **Documento curricular da educação infantil**. Anchieta-SC, 2017.

VIGOTSKI, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.